



# ALGUMA CERTEZA





Prefeitura de  
**Manaus**

**Prefeito:** David Antônio Absai Pereira Almeida

**Vice-Prefeito:** Marcos Sergio Rotta

**Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos – Manauscult**

**Diretor-Presidente:** Alonso Oliveira de Souza

**Vice-Presidente:** Cristian Pio Ávila

**Conselho Municipal de Cultura – Concultura**

**Presidente:** Tenório Nunes Telles de Menezes

**Vice-Presidente:** Francineilo Batista da Silva

## **Concultura**

Conselho Municipal de Cultura

Av. Sete de Setembro, s/n. Praça Dom Pedro II – Centro

CEP: 69005-140 – Manaus – Amazonas

Ouvidoria: 0800-092-0111

E-mail: [conselho.cultura@pmm.am.gov.br](mailto:conselho.cultura@pmm.am.gov.br)

CARLOS NATHAN SOUSA SOARES

# ALGUMA CERTEZA

**PRÊMIOS LITERÁRIOS CIDADE DE MANAUS 2021**  
**NACIONAL III. PRÊMIO VIOLETA BRANCA MENESCAL**  
MELHOR LIVRO DE POESIA

**Concultura**  
Conselho Municipal de Cultura

**Cultura,  
Turismo  
e Eventos**  
Fundação Municipal



Prefeitura de  
**Manaus**

---

Copyright © 2021 – Carlos Nathan Sousa Soares  
© Projeto Gráfico – Concultura

**EDITOR**

TENÓRIO TELLES

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

ANDRÉ MARTINS

**CAPA / DIAGRAMAÇÃO**

ANGELO LOPES

**NORMALIZAÇÃO**

KELLEN ENCARNAÇÃO – CRB-1134

---

S676a Soares, Carlos Nathan Sousa.

Alguma certeza / Carlos Nathan Sousa Soares. – Manaus : Fundo Municipal de Cultura, 2021. 68p.

ISBN: 978-65-84643-01-7

1. Poesia. 2. Amor. 3. Certeza. 4. Vida. I. Título.

CDD 869.1

---

**Concultura**

Conselho Municipal de Cultura

Av. Sete de Setembro, s/n. Praça Dom Pedro II –  
Centro | CEP: 69005-140 – Manaus – Amazonas  
Ouvidoria: 0800-092-0111  
E-mail: conselho.cultura@pmm.am.gov.br

A leitura é uma experiência mágica e fundamental na vida de todo ser humano e da sociedade. Nesse sentido, os escritores cumprem um papel imperativo, pois criam mundos de palavras que nos permitem viajar por planos e tempos diversos – e o mais significativo: ajudam a manter viva nossa memória e encantam nosso imaginário.

Os Prêmios Literários Cidade de Manaus se inserem nesse contexto em que se conectam a memória, o tempo, a palavra e o imaginário. Isso é a tradição da escrita e da criação literária. E os escritores são os guardiães dessa tradição que se estende ao longo dos séculos.

Os criadores, premiados na edição 2021, dão continuidade a essa jornada da palavra escrita. A publicação das obras premiadas é a confirmação desse ciclo do processo literário: em que o escritor cria o seu texto, seguido da edição e publicação, até chegar ao leitor – para assim se fechar o círculo da criação e da leitura.

A Prefeitura de Manaus tem compromisso em estimular a produção literária em nossa cidade. E a continuidade desse projeto de incentivo à escrita é parte do projeto do prefeito David Almeida de gerar oportunidades de reconhecimento dos talentos literários de Manaus.

É uma satisfação testemunhar a conquista dos escritores agraciados com essa distinção que leva o nome de Manaus. A todos boa sorte e boa jornada no mundo da criação literária.

*Tenório Telles.*



como se a mim direcionasse seus olhos feito chama...

*Whalt Whitman*



*DEZ TOQUES COM A BENGALA  
DE JORGE LUIS BORGES*

Esquecer é difícil para quem tem coração

*William Shakespeare*



# SUMÁRIO

1ª Toque . . . . .	.15
2ª Toque . . . . .	.16
3º Toque . . . . .	.17
4ª Toque . . . . .	.18
5ª Toque . . . . .	.19
6º Toque . . . . .	.20
7º Toque . . . . .	.21
8º Toque . . . . .	.22
9º Toque . . . . .	.23
10º Toque . . . . .	.24
Elemento raiz . . . . .	.25
Talvez, quem sabe! . . . . .	.26
Os gatos . . . . .	.27
Gonçalves . . . . .	.28
Como sempre esteve . . . . .	.29
Palavras terminadas em vão . . . . .	.30
Eu e nenhum poema . . . . .	.31
Eduardo White . . . . .	.32
Templário - (Morro da Cruz) . . . . .	.33
Teo . . . . .	.34
Ecdise ou corte e costura . . . . .	.35
Ouvido. . . . .	.37
Face de Deus . . . . .	.39
A primeira curva. . . . .	.40
Destinatário . . . . .	.41
Alguém que passa . . . . .	.42
Antessala. . . . .	.43
Um dó maior . . . . .	.44
Duas xícaras para uma noite em claro . . . . .	.45
No berço da Íris . . . . .	.46

O sono é uma festa . . . . .	.47
Varejo . . . . .	.48
Caudilho . . . . .	.49
Modigliani . . . . .	.50
Primitivo. . . . .	.51
Eu terei o tempo que me cala . . . . .	.52
A clausura como antimétodo . . . . .	.53
Segunda ordem . . . . .	.55
Blade runner sou eu . . . . .	.56
O impassível tecelão do eterno . . . . .	.57
As coisas e o seu devido lugar. . . . .	.58
Ninguém move a cidade . . . . .	.59
O paraíso das vozes . . . . .	.61
O riso dos cílios . . . . .	.62
Irmãos. . . . .	.63
Varejo . . . . .	.64
Cânone . . . . .	.65

**ALGUMA  
CERTEZA**



## 1ª Toque

Durante muitos anos ela relutou  
em escrever sobre os frutos do acaso,  
que serviram-lhe de alimento por toda a vida.  
Sucumbiu aos efeitos de sua seiva.

Superou o medo aumentando a  
dose em suas veias. Entupiu-se de medo  
até não poder mais. Matou-se o quanto pôde.  
Mas imitar a morte é impossível para quem  
não a tem sonolenta e estática em seu coração.

Ela não precisou respirar profundamente  
para demarcar as paredes do tempo,  
esse impassível tecelão do eterno.

Então, ali estava ela, fora de si, volátil,  
para confabular com os espectros que  
farejavam sua sombra desde aquela madrugada  
inútil, quando viu uma réplica de *Rubens* em  
um livro esquecido de um curso qualquer.

Ela pensou na tela que havia por detrás da tela,  
e o branco lhe pareceu ser o corpo das cores.  
O espírito é o preto: a ausência. Ela sabe!

## 2ª Toque

Só tenho palavras e imagens opacas.  
O resto me escapa; me evita como se  
fôssemos do mesmo polo magnético.

(Estou entre os rios. Estou em casa.)

Eu nunca quis estudar pintura.  
Eu não saberia manusear as tintas para tanto.

Nenhuma outra arte saberia me prender as  
mãos além desta que aqui me dilacera e se regenera.

Como se pode ver, estou banhado em sangue  
e sei manusear os melhores instrumentos de corte:  
passado, palavra,... sentimento.

### 3º Toque

O que te escrevo não vem do fogo.

Não é parcela incandescente,  
desgarrada de um corpo inflamado.

O que te escrevo é puro corpo inteiro,  
ainda que sejam apenas palavras  
em plano primeiro.

O que te escrevo é aquilo que não  
me ultrapassa.

É o pão e a fome,  
é o choro,  
é a graça.

O que te escrevo  
é novela,  
é chuva  
torrencial.

O que te escrevo  
é o descaso  
em um ato

fatal.

## 4ª Toque

Sou o mesmo nestas vestimentas desgastadas.  
Ainda conservo em minhas entranhas o ruído  
manso dos que matam para dentro.

Nenhuma noite teve mais prenúncios do que aquela  
em que eu li uns versos perdidos de Verlaine:  
“um coração que não cessa de anoitecer”.

Mas a mim, cego de excessivo presente, nada disse.

Somente hoje é que consigo vislumbrar algum  
ensinamento ou placa de sinalização.

Estou entre os rios. Tranquilamente em paz  
com esta linguagem tensa, esquelética;

refeita entre um naufrago e outro.

## 5ª Toque

Estou entre os rios.

Gosto de fotografias em branco e preto,  
mas a minha cor preferida é o vermelho.

Não vou atrás de respostas.  
E sei que aprender a soltar a mão  
de quem amamos é a maior e mais  
sublime aproximação com o infinito.

O que nos maltrata é esse invólucro  
de pele e vertigem que nos espreme.  
Sem ele, conheceríamos a dispersão.

Mas ainda estou lá, na janela:  
lua camuflada no céu de outubro.

Não me afasto do cais, ainda que  
o crepúsculo desapareça.

Preciso (sempre) atirar alguma  
coisa naquelas águas  
antes que eu me esqueça  
que ele (o rio), também morre  
pelas bordas.

## 6º Toque

Tudo estava distante naquela janela.  
(antes, depois, agora...) e tudo está aqui:  
amalgamado. brilhante, onipresente,  
intenso e fugaz.

Mas eu não me desespero.

Pelo contrário! Contemplo cada gota  
da memória, mas não quero sorvê-las.

Sou este, apenas. Embora eu ainda esteja  
lá, na janela, entregue à temperatura  
escaldante de minha terra natal.

Entregue às ondas frívolas de calor  
no final do asfalto.

Eu, que conheci o amor e a morte pela porta  
dos fundos.

Mas eu ainda estou aqui, na janela.  
onde a vida fulgura; ferve seus caldos  
de lampejo

e lama.

## 7º Toque

Não te importes com o que digo!  
Abdiquei da vida como tragédia  
para não cair na claridade tosca  
do mal como um fim.

Interessa-me um alimento para rir  
de mim mesmo.

Reconheci-me centenas de vezes  
e desconheci-me milhares, milhões.

Estou em mim, aos poucos. Mas só  
estou reto quando caminho, indecifrável.

No mais, arrasto minha sombra labiríntica.  
Fragmentado, sem culpa ou dano.

Não consigo rezar olhando em linha reta.

## 8º Toque

Meus olhos estão presos à realidade por uma cola feita de sonhos perdidos. O que eu conheço de perto é o vazio, o vácuo. Aprendi a rir secamente. Enclausurei-me na desimportância de meus ritos e ainda não captei todos os choros contidos em mim, aglutinados em comunhão.

Tenho à minha frente *O Livro do Desassossego*, de Pessoa, e *O Livro das Horas*, de Rilke.

Tenho as asas curtas. Elas não precisam ser podadas.

Falo com Deus duas vezes por dia e só. Linguagem clara, límpida, sem arcabouços teológicos.

Estou exausto, e minhas carnes padecem ante o sono que não vem. Nunca vem.  
O suor me inunda as têmeoras.

O que estará por trás de tudo isso?  
Escaparei deste louvor que ressoa de meus tímpanos sem norte ou pressa?

Não tenho fuga ou plano B.  
E o que falo é pouco, supérfluo, embora não pareça.

Fui uma criança distraída.  
Nunca molho meus pés no raso.

## 9º Toque

Eu não ousaria fechar os olhos  
ou desviá-los do alvo. E o alvo era eu.

Não sou de confiança: mexo-me,  
gasto solas sobre solas, tenho o  
coração aceso por detrás da calha.  
Escureço.

Sou um iniciado na arte de  
manusear intimidades.

Desapareço.

## 10º Toque

Aqui estou: nesta cidade-cárcere. Longe da faixa apagada;  
longe daqueles  
olhos azuis desconhecidos. Vegeto e vagueio por esta terra  
que desconheço  
e adoto. Meu paraíso está fincado na selvageria dos  
incautos. Vejo-me na  
velha casa da Rua João Virgílio. O piso em mosaico e a  
cômoda de madeira  
de lei ainda estão lá: o teto alto e os gatos entrando e saindo  
da casa, a cruz  
de madeira deixada na laje do terraço, as gotas de água  
pingando no piso  
do banheiro. Estou patinando, incerto. Tudo é monólogo.  
Depois é silêncio  
latejando até o grito e, logo em seguida, é música de câmara:  
entre o sono  
e a vigília.

*ELEMENTO RAIZ*

Estava escrito que eu deveria ser leal  
ao pesadelo da minha escolha.

*Joseph Conrad*

## TALVEZ, QUEM SABE!

Esta folha em branco  
que agora me olha como  
quem de mim nada espera,  
é branca como branco  
é este sentimento que me  
queima a medula  
(ou me desespera).

Mas somente a ela  
(certamente) valerá à pena  
o tracejado destas letras  
que, sem importância,  
traduzem o que a mim  
(que começo pelas reticências)  
parece sem medida  
(ou sem distância).

## OS GATOS

Criei oito gatos e eles morreram envenenados.

O sol não banhou os frutos de todos aqueles anos passados na velha casa: o amor que nasceu rasurado, a despedida do patriarca, o Poema Sujo, o escritório clandestino, a cédula solitária na carteira, a alegria supérflua do final da tarde, a esquina sem memória.

Somente o leite derramado sobre a mesa alimentava a calma dos telhados.

## GONÇALVES

Nestas distâncias sem conta,  
Que a terra espalha e sepulta,  
Afina-se o canto da ave  
No que se revela e se oculta.

E a ave decola em prantos  
Sobre as vazantes da vida.  
Celebra o fio de espera  
Sangrando o tempo e a ferida.

Seu olho mapeia o passo  
Do homem que um dia dirá:  
“Quisera, meu Deus, quisera,  
Bater asas para lá”.

## COMO SEMPRE ESTEVE

Vejo uma teia de aranha  
no caule da rosa morta.  
Estão mortas as esperas.  
Morto está o labor das  
pedras no canteiro; a  
grama ressecada entre  
o passeio e o asfalto.

Somente um ancião  
saberia sorrir de seus  
prodígios.

## PALAVRAS TERMINADAS EM VÃO

pedra  
escassez  
insolação

cinza  
mugido  
imensidão

lágrima  
aspereza  
vermelhidão

espinho  
mortalha  
escuridão

o que dói mais  
é a rima  
para a palavra sertão.

## EU E NENHUM POEMA

Olhe para mim.  
Não tenha medo.  
Sou aquele que espera  
pela companhia do que não há  
para apreciar as ruínas do futuro  
sob o solstício taciturno,  
segredando suspiros desolados.

Sou aquele que refinou o sal  
que havia em seu mar,  
despertando o oceano adormecido,  
e o sal mostrou seu poder de perpetuação infinita.

Olhe para mim. Coragem!  
Sou aquele que expõe  
as costuras do verbo  
como peças de um museu indiferente,  
abrindo as portas ao público pálido.

Tenho o rosto carcomido pelo tempo  
e carrego nas costas marcas de inocência apedrejada.

Sou a luta dilacerando o próprio rosto.  
Eu sou o oposto.

## EDUARDO WHITE

era certo que sua voz  
chegava onde devia, ainda  
que o eco quase sempre  
lembrasse um grito antigo.

seguro de seus afetos,  
esta embriaguez que queima  
com a fleuma de quem  
finca os pés na África,

refez os limites entre  
o pânico e a alvorada  
como quem levanta  
o próprio peito  
o verso sem corte

a própria sorte.

## TEMPLÁRIO

*(Morro da Cruz)*

O que vem dos olhos me afeta a carne,  
e nela eu estremeço enquanto calo  
ou anoiteço.

E se eu me refaço neste ato involuntário,  
é porque habita em minha fauna uma flora  
entre o que extraem e o que mereço.

Porém, nada sei de sua seiva, de sua semente;  
de sua capa obscura vestindo o que se esconde  
e o que conheço.

Mas sei de seu silêncio (seu templário),  
que ao grito reserva o avesso  
desde o começo.

## TEO

Pintei minha casa de branco  
deixando-a tão ambígua  
quanto uma mesquita,  
mas não ousei tocar  
nos santos de minha mãe.

Nunca acendi velas nem me ajoelhei  
diante deles.

Não gastei-lhes a pureza  
com minha palavra decrépita.

Não fustigue-lhes a fé.  
Não roguei-lhes por clemência.

Sequer dei-lhes alguma mostra  
de imaginação.

Sou devoto das coisas extintas.  
E embalo a farsa dos astros  
em troca do nada  
pelo nome do aceno

ou de Deus.

## ECDISE OU CORTE E COSTURA

sempre estive ali, ao pé da laranjeira, clandestino,  
tomando goles de café, sentindo o palpitar trágico da  
madrugada,  
cifrado na tensão mal dissimulada das flores artificiais.  
aquelas que nos fazem entreabrir os olhos na modorra da  
tarde  
(a vista arruinada e seu aspecto manso)

ali, no ar desamparado da pobreza de espírito;  
nas festas de fim de ano. sentado na soleiras das portas.

sempre estive, de súbito ou para sempre, um pouco antes,  
um pouco tarde demais para crer que sou o mesmo,  
mas algo de mim – inquietante – escapa do paletó  
dependurado  
no cabide (um traje de artista que não conhece o aplauso),  
mesmo que eu esteja nos aplausos também.

talvez eu me reconheça no bolso esquerdo da calça  
empoeirada;  
na foto de meu pai (e atrás da máquina fotográfica), diga-se  
de passagem.

no entra e sai da gaveta de agulhas e linhas de minha avó,  
e na maleta de remédios que nunca usamos.

sempre estive na inconveniente falta de ternura dos dias claros  
e no grisalho dos cabelos. na parca paciência dos que não  
tem

saco para a leitura de poemas, romances, contos de amor  
perdido,  
qualquer manual de sobrevivência.

mas também estou na morte dos que por aqui  
aprenderam a espalhar fragmentos e acenos de tchau.

até aí, tudo bem!

o problema é o que fazer com essas molduras  
antigas, jogadas no quarto dos fundos.

## OUVIDO

Ah, o barulho das manhãs  
quando as veias se abrem  
para o velho Sol de sempre!

O ronco das máquinas,  
das traças, das trocas.

A multiplicidade de  
sons que me domina  
no café que tomo,  
emudecido  
pelo menino  
que, ao meu lado,  
me pede  
esmolas  
sem as pedir.



*FACE DE DEUS*

Araras versáteis. Prato de anêmonas

*Hilda Hilst*

Dánae teje el tiempo dorado por el Nilo,  
envolviendo los labios que pasaban  
entre labios y vuelos desligados.

*José Lezama Lima*

## A PRIMEIRA CURVA

se eu soubesse o teu nome,  
eu atenderia ao amor como  
quem dobra uma esquina.

## DESTINATÁRIO

Escrevo para ninguém.  
Não por desleixo ou desespero,  
mas para que a liberdade  
venha me importunar  
na borda do perdido  
de preferência  
silenciosa e succulenta,  
(des)pretensiosa e sorrateira  
como um poema .

## ALGUÉM QUE PASSA

Eu tenho-me consumido  
aos poucos, como quem  
respira em meio à fumaça

ou como quem deflora  
a noite com lágrimas que  
somente o esquecimento  
desembaça.

Daí  
nasce o suspiro,  
que em mim cresce  
como um dilema;

como o que  
sobra de um  
mísero  
sopro de vida;

como um  
poema.

## ANTESSALA

Era bela como uma garça:  
as pupilas de flecha,  
a envergadura de um deus,  
plumas de algodão e vento.

Porém, os pés (triumfantes)  
queimavam sob o sol  
daquela manhã soberana.

“Seria interessante desmaiar  
todas as noites”, ela pensava.

Mas as pernas não dobram,  
a mão não abre, a crista não cai.

Nada sabe daquela mancha  
esverdeada na parede.

Pudera ter rido primeiro.

## UM DÓ MAIOR

Ontem eu sonhei  
que um nome escrito  
em hebraico estava  
gravado de rubro  
em um muro qualquer  
de Istambu.

Em outro momento,  
eu andava seminu  
por uma ruela de Hanoi,  
com uma cesta de frutas  
do dragão.

Eu não tinha pressa.

Apenas ouvia vozes,  
lia partituras, preparava  
unguentos, escrevia  
orações.

Apostava uns trocados  
no galo sanguinário.

Escrevia “eu te amo”  
em um papel virtual.

## DUAS XÍCARAS PARA UMA NOITE EM CLARO

Ah, o café! Por Deus, eu bem poderia ter servido uma xícara a Lord Keynes ou a outro integrante do Bloomsbury.

À Virgínia, talvez uma dose de pinga fosse mais interessante.

A mim, basta-me um pouco do que guardam as manhãs esquecidas.

Para quem se acostumou aos restos que o tempo despreza, sorver o que quer que seja é mais fácil e posso ser mais feliz.

Viver talvez seja esta estranha forma de ser rico:

um riso qualquer em uma parada de ônibus, que ficou no final de uma noite chuvosa;

uma brisa leve, um aceno incerto, de uma meretriz;

o dedo em riste de alguém que reza e se contradiz.

## NO BERÇO DA ÍRIS

Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso.

*Clarice Lispector*

Suave brisa que entra pela janela esquecida.  
Ou talvez seja apenas um sopro de uma  
dimensão que o olho invade para se dilatar  
em cada coisa aqui presente.

Próprias da natureza são a fuga e a incógnita,  
formando o ladrilho do tempo. E meus pés  
sapateiam sobre uma glória estranha: sem  
flâmula, sem gritos.

Somente a marcha se mantém acesa e viril.  
Não há canto, não há prenúncio.  
Nenhuma dobradiça ringiu sua  
podridão de ferro e pó.

Porque precária é a lágrima  
que resseca no berço da íris.

## O SONO É UMA FESTA

Minha prática de suicídio  
não tem exclamação.

Não andei engolindo pássaros.  
Não sou hábil em cair fora. Você sabe.  
Não é de estranhar, agora, que  
a poesia algum dia saísse das minhas mãos.

Há anos que ela vem se processando  
em minhas veias, depois de ter inundado  
meus olhos e meus ouvidos.

Ainda assim, nunca fizemos nada  
de inovador. Apenas durávamos  
em silêncio sem nenhum gesto  
de olhos, de riso...

Crescíamos como um neonato  
imprevisto.

## VAREJO

À noite,  
meus olhos (perplexos)  
seguem o trajeto de  
um corpo

(outrora beleza e pecado;  
alimento de fogo  
e lâmina –  
hoje língua e omoplata –  
glúteo, cabelo,  
órgão genital;  
tintura, lente tatuada –  
colagem, umbigo de metal)

Um sopro, um acidente.

Farinha da boa.

## CAUDILHO

Moro em um país que não  
me cumprimenta, onde o meu  
melhor está enterrado.

Peço bênçãos aos trovões entre  
uma morte e outra, forjando  
meu metal sem brilho.

Estou no cerne da tela;  
abstrato e seco feito um líder  
ingrato.

O que me escapa está impregnado  
de fuga e fome; lavado de língua  
e regresso.

O que me transborda  
me depura.

Me aceita feito cura;  
me afoga feito excesso.

## MODIGLIANI

Não partem de um princípio  
a forma e o verbo quando  
partem de um ponto atroz:

o rosto escorado na palma  
da mão molhada de vinagre;  
a faca e a cebola na contramão.

Um livro de Cecília descansa  
sobre a mesa,

e os copos

que  
não sabem do vinho que  
derrama.

## PRIMITIVO

Outrora um verso de Drummond  
me cairia bem.

Não o do sentimento do mundo,  
mas o que carrega o maxilar inferior  
de seus mortos;

a malfadada tarde da qual ninguém  
escapa.

Outrora um verso de Drummond  
me deixaria sem.

## EU TEREI O TEMPO QUE ME CALA

É noite, mas eu não quero falar sobre isso.  
Sobre noites, visões distorcidas, brisa fria, penumbra.

Porque falar da noite é como um roubo que fracassa  
no primeiro impulso: os lábios tremem, o olho entrega.

Falar da noite é melhor quando não nos importamos  
mais com o norte ou com o silêncio, ainda que ele, o  
silêncio, aponte para nós sem riso ou pressa.

Sem riso! É isso o que devemos fazer quando  
falamos da noite.

Falamos do tempo que não mais nos acolhe,  
ou que, pelo menos, não nos parece mais que  
um vaso frágil, ainda que possamos medi-lo  
como quem acaricia a areia

e dorme.

## A CLAUSURA COMO ANTIMÉTODO

O susto.

Sim, ele, o susto, ali.

Aqui, ele, o susto.

Não, não as nossas emoções,  
mas nossos limites aqui, à tona.

Sim, eles, os nossos limites.

O medo, seu seguidor, aqui,  
em uma loucura, outrora silenciosa.

Não. Mas não pode ser.

Sim. Não pode, mas, é. Está aqui.

Na derrota, observas? Sente tuas  
mãos, olha-te no espelho.

Não pode ser. Mas está aqui.

É viral, sabemos. Talvez um ponto  
definitivo de umas supostas  
reticências.

Sim. Pode ser uma metáfora.

Mas não sabemos se aprenderemos  
algo novo a tempo. Por isso ainda  
é uma palavra estranha.

O susto.

Sim, ele, o susto, ali.

Aqui, ele, o susto.

O horizonte pela janela  
rompe-se ou desintegra-se.  
Não. Não sei. Não pode ser.  
Não pode, mas, é. Está aqui.

Os quatro cantos (do meu diminuto  
mundo). Mas agora faz sentido.  
Mas não pode ser. É um equívoco!  
Sim. É um equívoco, mas está aqui.

Estou com fome e não sei mais  
usar as mãos.

## SEGUNDA ORDEM

Em um instante desvia-me de todos os caminhos  
que levam a uma cadeia de pequenas glórias.

Condena-me a amar as nuvens como se eu fosse  
um menino clandestino em um condado qualquer  
da França.

Eventualmente, eu não saberia contornar a frágil  
mão que escreve sobre os horrores de um tempo  
de risos desmedidos.

Aqui não há outonos, primaveras, grandiloquência.

Há um oásis de delícias no breu das noites; um  
séquito de olhos. O canto invariável das aves noturnas.

Em um instante desvia-me de tudo o que me diz  
serem do eterno sentimento; da volúpia que um dia  
esqueceu feito um sofrimento passageiro.

No mesmo instante em que me condenas a amar mais  
um rosto da mesma face.

## BLADE RUNNER SOU EU

Uma rua atrás da outra. O caos edificando-se em meio à fumaça nas primeiras horas do dia. A cidade delira em uma queima de calendários. Alguém acorda ante o cheiro de enxofre das galerias. Busca uma camisa nova, um sapato encerado. Seu contentamento na carteira. Afasta-se entre máscaras e luvas. O sentido do “eu posso” antes no nascer do sol. O asfalto alongado, a obscura harmonia de um canteiro de rosas, intacto. A solidão digital de uma jornada veloz porque veloz (e estranha) é a aparição das estrelas. Há morte de gestos a cada segundo; no meio da rua, na parada final, onde as placas sinalizam o “eu sinto” logo ali: no crepúsculo.

## O IMPASSÍVEL TECELÃO DO ETERNO

Outrora, aquela tarde seria apenas um recorte do tempo que a mim (apenas um respingo no canto inferior da tela) não seria dado saber nada além da geometria que o relógio mapeia como um sentinela.

Porém, esta mesma tarde que de mim nada espera, violenta-me em silêncio como quem abre os olhos

e se desespera.

## AS COISAS E O SEU DEVIDO LUGAR

Um barulho agudo, baixo, penetrante,  
vinha da sala ou da cozinha.  
Um alarde esquecido.

Era um gato. Um gato miúdo, rajado.  
As patas alargadas, a íris dilatada,  
o andar em diagonal.

Peguei-o pelo dorso: a fauna na palma  
de minha mão; um instinto mínimo  
sob meus olhos.

Coloquei-o no terraço, perto da porta:  
a fêmea em ponto de bala; a brisa leve;  
o sol violento.

A mãe o apanha. Cheira seu pelo, lambe  
sua boca, passeia com sua cria pelos  
arredores da casa. Some entre as plantas  
do jardim enquanto o dia silencia e segue  
indiferente ao gato  
(e a mim)

Ouçõ um barulho agudo, baixo, penetrante,  
que vem do canteiro de jasmim.

## NINGUÉM MOVE A CIDADE

Sem nome e sem placa que a  
indicasse a qualquer avenida,  
BR ou vereda, ali se encontrava  
aquela massa de carne e pele,  
suada, reacesa.

Pele de homem comum,  
feita de prantos ressequidos;  
de recordações e de ossos.

Exposta ao pé de um poste de  
alta tensão, de sombra mirrada;

uma linha que atravessa-a dos  
pés à cabeça; um ponto qualquer  
sobre o piso fervente do asfalto.

E em sua volta o mundo se espalha  
– a ondulação veloz das luzes no  
final do dia.

E eis que a vida sopra-lhe nos olhos  
como quem apaga um incenso.

Como uma fabriqueta de cinzas,  
pois que é cinza a tarde e o que dela  
se esconde.

Já não sente os calos lhe alfinetarem  
a derme.

Caminhar já não dói.

Como não dói ouvir a música apressada  
dos pássaros rumo ao que o coração  
guardou .

Chorar já não sabe (nem deve).

Gritar já não sabe. Cantar também não.

Não cala nem berra. Não some nem fica.

Talvez ainda saiba contar até dez, mas  
as luzes se acendem e o amarelo se espalha  
sobre a pista. E a cidade não se comove.

## O PARAÍSO DAS VOZES

O dia nasce  
e com ele nasce o branco  
da areia na coroa do rio.

Estou branco e arenoso  
como a coroa;  
sonolento e diáfano  
como o rio.

Amanheço  
feito o dia que  
penetra nas águas  
certa consciência  
de luz.

Não quero anzol,  
linha ou rede de pesca.

Quero isca  
para alimentar  
o voo dos pássaros:  
rasante como  
esta manhã  
desabitada.

## O RISO DOS CÍLIOS

Um barco rompe as cortinas do rio  
rumo à margem que ainda me espera  
sem nome ou carta de aviso.

Que a vida me preserve, até que se  
cumpra em meu leito de achados  
o toque das bordas,

esta minha consciência de solo das águas,  
o saber-se esboço de fagulha ante o núcleo  
do sol, e então poder estar contente.

O céu era de um amálgama de azuis  
e cinzas, de verdes e de profundidades  
sem cor;

era um jorro de quietude e assombro;  
era o céu de uma nova estação e seus  
assobios de gelo.

Não era o momento da música, mas  
importava, como um desejo de boa sorte,  
que outras cores dissolvessem no mesmo rio  
os últimos grãos de adeus.

## IRMÃOS

Há indícios de insônia  
nas entranhas da rua.

E de vala em vala  
– da víscera ao vórtice –  
paira a vida ou o que resta  
quando há água ou lama.

Ainda que tarde,  
tenho colhido imagens  
em troca de uma luz distante,  
à maneira de um índio.

Tudo quanto tenho tido  
é utensílio de morte:  
varinha de condão em tempo  
de desengano.

Tudo quanto sou tem jeito de raiz  
escondida em sua sombra íntima;  
digerida em sua foz de silêncio.

Eu e a rua  
(dispersão e congruência)  
bebemos a lua  
com as duas mãos.

## VAREJO

À noite  
meus olhos  
seguem  
(perplexos)  
o trajeto incessante  
de um corpo  
esquálido,

outrora  
beleza e pecado  
– alimento de fogo  
e lâmina –

hoje  
língua e omoplata  
– glúteo, cabelo,  
órgão genital;

tintura,  
lente tatuada  
– colagem,  
umbigo de metal.

Um sopro, um acidente:  
farinha da boa.

## CÂNONE

Santo é o coração  
de quem se encanta  
com as fagulhas  
num tropel  
de cascos apodrecidos.





**Concultura**

Conselho Municipal de Cultura

**Cultura,  
Turismo  
e Eventos**

Fundação Municipal



Prefeitura de  
**Manaus**